

## TERRITÓRIOS DE DESEJO: PRÁTICAS AMOROSAS, RELAÇÕES SOCIAIS E SOCIABILIDADES.

**Edivalma Cristina da Silva**

Mestre em Ciências Sociais – PPGCS/UFRN

Bacharela e Licenciada em História – CERES/UFRN

edivalma@hotmail.com

A cada dia, homens e mulheres efetuavam seus afazeres diários. Enquanto muitos homens dirigiam-se as atividades como a pecuária, agricultura, vendas de jornais ou ao trabalho na construção de açudes e estradas, muitas mulheres efetuavam tarefas ligadas ao lar (lavar, engomar, costurar, cozinhar, arrumar ou vender) realizadas em suas próprias residências ou em casas de terceiros e familiares, consistindo em uma das vias de obtenção de recursos para a melhoria das condições de vida, diante, muitas vezes, do abandono ou morte de seus cônjuges.

O trabalho infantil, nesse cotidiano, não consistia em exceção. Não frequentando escolas, muitas crianças dividiam o dia entre ajuda prestada aos pais na realização das atividades diárias e na diversão com os irmãos ou vizinhos. Na primeira metade do século XX, como se pode averiguar através dos depoimentos escritos<sup>i</sup> e orais<sup>ii</sup>, o trabalho emergia como a base do cotidiano das famílias caicoenses de camadas consideradas populares.

Nesse viés, averigua-se nos depoimentos orais de homens e mulheres caicoenses a insurgência do trabalho e dos espaços de sociabilidade enquanto pontos de referências de uma memória coletiva, constituindo-se em lugares nos quais as relações sociais eram reforçadas, principalmente entre lavadeiras, engomadeiras, criadores, agricultores, domésticas etc. Mesmo diante da recorrência palpável ao trabalho cotidiano – classificado como cansativo – essas pessoas também se divertiam e estabeleciam laços de amizade e redes de ajuda através dos espaços de sociabilidade que frequentavam, a exemplo dos bailes e sambas. É nessa medida que esse artigo visualiza os espaços de sociabilidade e “a cidade [...] enquanto *espaço de memória*, pleno de lembranças e vivências dos seus diversos atores, objeto de estudo de historiadores, antropólogos e demais cientistas sociais” (COUCEIRO, 2007, p. 02, grifo do autor).

Halbwachs (2004), na análise da memória coletiva, enfatiza a força dos pontos de referência como estruturantes da memória individual, inserido na memória da coletividade que cada indivíduo pertence. Logo, em suas memórias, os entrevistados remetem-se aos espaços de sociabilidade, a exemplo dos sambas e bailes, como pontos de referência para se pensar o feminino, os quais também possibilitam analisar o processo de aproximação entre diferentes grupos sociais (homens/mulheres) através do contato com a cultura e diversão, reforçando os sentimentos de pertencimento, de identidade social e as fronteiras simbólicas. Os espaços de sociabilidades se constituem, dessa forma, enquanto monumentos ou lugares de memória que se ligam à história de vida dos entrevistados.

Nessa perspectiva, os bailes e sambas insurgem como os pontos de referência mais recorrentes nas memórias dos entrevistados. Os sambas, muitas vezes referenciados nas entrevistas em relação aos bailes, consistiam em divertimentos hoje conhecidos como “forrós” que realizavam-se em casas consideradas familiares ou nas chamadas bodegas<sup>iii</sup>, geralmente localizadas em locais considerados periféricos da cidade de Caicó/RN<sup>iv</sup>, a exemplo da Rua do Serrote e da Rua da Favela, ambas localizadas no Bairro Paraíba. Esse divertimento acontecia ao ritmo de concertinas, violões, danças e bebidas.

A partir das fontes analisadas, percebe-se que os sambas consistiam em divertimentos de caráter mais popular, abertos à participação de todas as pessoas que quisessem frequentá-los, independente da camada social<sup>v</sup>, constituindo-se enquanto um espaço em que a diversão e as relações sociais confluíam e se entrelaçavam. De acordo com Cunha (2002), o samba consistia-se em uma fronteira frágil na medida que era frequentada por pessoas das chamadas “camadas elitistas”, soldados, políticos e mulheres, tornando-se nítida a confluência entre pessoas de distintas culturas, classes ou sexualidades.

Apesar dos esforços moralistas e normalistas – calcados em um projeto higienista de medicalização do corpo social – de organizar/disciplinar a sociedade brasileira através do estabelecimento de fronteiras entre o lícito e o ilícito, a ordem e a desordem, a moral e o imoral (lógica burguesa) e da criação de mecanismo de controle e contenção, a repressão policial não foi uma ferramenta de êxito integral na tentativa da criação da sociedade ideal. O samba, em detrimento de seu caráter expansivo, sofreu

perseguições da polícia, a qual tinha nas leis a permissão garantida para invadir e reprimir as desordens nessas manifestações, muito embora continuasse a ocorrer por contar com o apoio de pessoas do poder público ou contatos importantes no meio oficial que atribuíam determinada permissibilidade ao divertimento (CAVALCANTI, 2000; CUNHA, 2002).

Essa recorrência ao samba enquanto local perigoso e de desordem também é perceptível nos depoimentos orais através da insistência da não frequência das mulheres consideradas honestas a esse divertimento, sinalizando para o caráter seletivo da memória e a utilização do silêncio e esquecimento para manter viva a lembrança, a tradição e a representação do que se entendia por mulher honrada, garantindo a legitimação da identidade social do grupo e de sua coesão (POLLAK, 1989, 1992; ZUMTHOR, 1997). Para as entrevistadas, falar que havia ido a um samba poderia colocá-la no porte de “mulher suspeita”, desestabilizando sua identidade social. Nessa medida, enquanto os entrevistados apresentavam os sambas como espaços abertos a desordens e arruaças, os bailes, pelo contrário, foram expostos como divertimentos familiares organizados em suas próprias casas, a exemplo dos terços e das festas de casamento ou para se comemorar datas como São João, Natal ou Ano Novo.

Benedita Augusta, 105 anos, falou sobre os bailes considerados familiares que seu pai organizava:

Ele vinha com agente, o mês de maio eu rezava o mês de maio todinho, do princípio até o fim. Vixi era uma noite de festa no derradeiro de maio! Vinha gente de Caicó pra lá. Mas graças a Deus nunca houve nada. Ele fazia aquelas festas com muitos fogos, ele gostava muito de brincar com fogos, fazia aquelas girândolas com fogos, foi muito bom, nunca houve nada lá em casa, graças a Deus. O povo gostava muito das minhas novenas. Às vezes descia gente até da Serra da Formiga. Meu pai não queria dança nas festas porque ou era o terço ou a dança. Ou rezava o terço ou ia dançar. Ele num deixava a gente dançar; deixava não! Ele tinha muito ciúme da gente<sup>vi</sup>.

De acordo com a memória de Benedita Augusta e com os processos-crime de lesões corporais, percebe-se que os bailes são retratados como diversões entre famílias, vizinhos, amigos e conhecidos, em que o trânsito de pessoas de distintas condições socioeconômicas, etnias e sexualidades tornava-se nítido. Nesses bailes, além

de danças e músicas ao som de concertinas, haviam as mesas de jogos de cartas, geralmente no interior da casa, onde os homens se reuniam para jogarem. Esses bailes, na memória de José Paulino, 83 anos, eram

só de moças e rapazes, era numa casa de família; às vezes um casamento; lá não entrava esse povo não (refere-se ao que classifica de mulher desonrada<sup>vii</sup>) havia respeito”, [...] tinha bebida, às vezes se embriagava, pedia uma rede, o dono da casa dava, ele ia dormir<sup>viii</sup>.

Diante desses relatos de memórias, observa-se que os bailes eram considerados locais de bons costumes, alegria e cordialidade, negando a existência de confusões nesses bailes. Todavia, é notório o grande número de processos-crime de lesões corporais em bailes – e sambas –, no recorte temporal analisado, geralmente ocasionado por: discussões nas mesas de jogos; uso excessivo de bebidas, terminando em brigas<sup>ix</sup>; confusões ocasionadas por desrespeito a alguma moça<sup>x</sup>; desordens por o ofendido ter sido impedido de dançar ou de ficar no baile em detrimento de seu maucomportamento<sup>xi</sup>; confusões causadas por resistência à prisão por policiais<sup>xii</sup> ou por ter provocado lesões corporais em pessoas presentes no baile<sup>xiii</sup>.

Vale salientar que os entrevistados apresentaram em suas memórias disjunções e distinções quanto aos espaços de sociabilidades e a classificação das mulheres que circularam por esses espaços através de seus comportamentos e condutas. Embora seja perceptível em alguns dos processos-crime analisados a circulação feminina por ambos os espaços de sociabilidade<sup>xiv</sup>, as memórias os apresentaram como opostos: sambas/desordem e bailes/familiares, frequentados por pessoas de comportamentos distintos.

A insistência no caráter familiar dos bailes e nas condutas exemplares e moralistas nesses espaços respalda-se na reafirmação da identidade social dos indivíduos através da representação que se quer fazer de si, mas também do grupo a que pertence. A manutenção do código de conduta liga-se ao receio de perder sua posição enquanto membro do grupo e sua identidade. “E é esse medo da perda do prestígio aos olhos dos demais, instalado sob a forma de autocompulsão, seja na forma de vergonha, seja no senso de honra, que garante a reprodução da conduta característica” (ELIAS,

1993 *apud* SOPELSA, 2003, p. 153). Logo, acrescentar em seus depoimentos a imagem de condutas e comportamentos reprováveis – como a circulação de moças desacompanhadas pelos bailes; o uso de roupas e comportamentos inapropriados; a utilização excessiva de bebidas e formação de arruaças e brigas, resultando em lesões corporais nos bailes - levaria ao indivíduo colocar em perigo o seu papel e valor social. Nota-se que os indivíduos fazem a imagem de si de acordo com a credibilidade que esperam e querem ter perante os outros.

Assim, se a memória é trabalho, então se pode duvidar dessa sobrevivência do passado tal como foi, uma vez que a lembrança constitui-se em uma “imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1994, p. 55). Dessa maneira, a lembrança é construída na medida em que novas percepções, idéias e valores – incorporados e vivenciados no presente – influenciam na forma como o passado é narrado pelos indivíduos sociais, impossibilitando reviver o passado como tal. Esses limites levam ao pesquisador a tentar reconstruir a história e a memória na melhor forma possível.

Eram nesses espaços de sociabilidade que as relações sociais e os laços amorosos se intensificavam: enquanto muitos membros familiaresse divertiam, entrelaçando conversas e relações, as moças e rapazes aproveitavam o momento para tentar uma aproximação, a qualse dava através de troca de olhares e sinais. As relações estabelecidas entre moças e rapazes eram comedidas e esses bailes propiciavam o entrelaçamento de amizades ou *colóquio*<sup>xv</sup>, muitas vezes favorecidos pela dança – ocasião mais propícia para os contatos, conversas, marcações de encontros posteriores ou mesmo para se tentar “roubar” um beijo da moça – e que acabavam por resultar em *namoricos*<sup>xvi</sup>, “namoros sérios” e até em variados “enlaces matrimoniais” (casamento religioso ou civil e amasiamento). Algumas das entrevistadas contaram que conheceram seus esposos em bailes ou ainda que a dança as ajudou a ampliarem seu leque de relações sociais, como expõem, respectivamente, Benedita Augusta, 105 anos e Maria das Neves, 80 anos:

No dia de ano [...] o vizinho teve um baile ai eu arranjei um namorado. Ficou trabalhando lá em casa, ainda passou dois anos para casar. [...] Ai nos pegamos um

namoro, ele tava até noivo de uma moça e largou. Esses povos se danaram e foram embora.

Eu dizia: - Eu não tomei noivo de ninguém não. A gente casa com quem tem de casar, né?<sup>xvii</sup>

Uma vez eu fui com mamãe a um baile. Eu era meio danada. [...] Ai mamãe foi mais eu, cheguei lá meti foi o pé no barro. Dancei foi até de madrugada. (risos), mas eu namorava... E mamãe lá... Ela nem ligava, mamãe nem ligava, ela era muito boa, num tinha essas coisas não. De quatro horas vim pra casa, passei o dia todinho dormindo.

Ainda lembro dum baile que eu fui, num derradeiro de maio. No derradeiro de maio fazia o forró! Ai tinha uns rapazes de São João do Sabugi, nesse tempo tinha a dança dum peba, cadê o peba? Está no buraco! Essa dança não era todo mundo que sabia dançar; ai eu era danada e sabia! Ai o rapaz de São João do Sabugi tirou muitas moças e nenhuma sabia. Ai ele me disse:

- Sabe dançar a dança do peba?

Eu disse: - Não, mas eu já pelejei para aprender.

Eu disse: - Vamos vê se nós dançamos!

Mas menina... Eu dancei na melhor qualidade! Eu era danada, eu era ruim que só. Foi uma festa! Mas hoje em dia num tem mais isso não. Vixi! Antigamente era muito respeitado. A gente era tudo amiga, num tinha piada, essas coisas...

A criação da gente era tudo: - Vocês respeitem os mais velhos e os moços também. Se vocês querem ser em recebida, então recebam bem<sup>xviii</sup>.

Mas esses encontros deveriam ser sempre comedidos e dissimulados. Nos depoimentos orais insurgiu a representação do “namoro sério”, a qual se caracterizava pela formalização do relacionamento diante da família. Nesse tipo de relação, os jovens – principalmente a mulher – passariam por uma vigilância intensiva sob suas condutas e comportamentos, jamais saindo sozinhos, mas sempre acompanhados pelos pais da noiva. Contudo, embora a insistência nessa representação do “namoro sério” e policiado<sup>xix</sup> seja veemente na oralidade, os processos-crime de sedução e defloração sinalizam para uma pluralidade de práticas amorosas que transcederam e desnaturalizaram as representações de “amor fidalgo” defendido pelos discursos aburguesados e normativos (jornalísticos, jurídicos e médico-higienistas) acerca de casamento e felicidade conjugal. Observemos o caso a seguir.

Beatriz Lopes, 14 anos, solteira, apaixonou-se pelo soldado José Luiz e essa paixão a levou a frequentar um samba sem o conhecimento de seu patrão e de sua mãe, na esperança de conversar com sua paixão e namorá-lo. De acordo com as testemunhas, Beatriz gostava de sair, frequentemente, para passear na praça com suas amigas. Ela não morava com sua mãe, a qual era viúva e residia no Sítio Cacimba de Baixo, mas sim na

residência do senhor Vicente – na cidade de Caicó – para quem trabalhava em serviços domésticos. Certa noite, no ano de 1942, ela pediu ao senhor Vicente para dar uma volta na praça, prometendo voltar cedo e, todavia, somente voltou às cinco horas da manhã do dia ulterior, dizendo-lhe ter passado à noite na casa de uma amiga.

De acordo com o processo, Vicente Brito, 42 anos de idade, funcionário da firma Singer, estranhando a desculpa dada por Beatriz resolveu escrever à senhora Maria Tereza, mãe da menor, lhe pedindo para vir a sua casa, pois precisava lhe falar algo, a qual chegando a casa deste, ficou sabendo que sua filha havia saído e dormido fora de casa. Interrogada pela mãe, Beatriz confirmou que havia ido a um baile, escondida de seus patrões, na Rua da Favela e que tarde da noite voltara para casa acompanhada do soldado José Luiz, por quem tinha uma paixão e havia sido deflorada naquela noite. Logo, sua mãe dirigiu-se à delegacia para prestar queixa contra o soldado José Luiz a fim de reparar a honra de sua filha. Conforme o depoimento de Beatriz,

em dias do mês próximo passado estava ela declarante em um baile onde estava José Luiz; que a certa hora da noite ela declarante saiu do mesmo baile acompanhada de José Luiz o qual a convidou para ir para a casa dele, entretanto conduziu ela declarante para o rio Barra Nova onde passaram a noite, que durante o tempo que passaram juntos no rio, José Luiz teve relações sexuais com ela declarante, que ela declarante avisou a José Luiz que era virgem<sup>xx</sup>.

Ao que indica o processo, Beatriz Lopes afirmou que tinha conhecimento do relacionamento amoroso (amasiamento) de José Luiz com outra mulher, mas colocou-se no porte de seduzida. Todavia, José Luiz apresenta sua versão para o caso, jogando para ela a responsabilidade por ter lhe seduzido e lhe tentado, invertendo os papéis de seduzida para sedutora (BESSA, 1994). De acordo com seu depoimento, José Luiz

estava em um baile onde também se achava Beatriz Lopes. Que certa hora da noite terminou o referido baile, saindo ele interrogado com o destino a sua casa, na mesma ocasião Beatriz Lopes também saiu do mesmo baile e pediu que lhe acompanhasse e dispensou a companhia de umas moças com quem andava; que depois de andarem na avenida que dava para a casa onde a mesma era empregada, [...] disse para ele que não desejava ir mais para casa do seu patrão naquela noite, e sim para a casa dele interrogado; [...] que Beatriz Lopes convidou a ele interrogado

para passarem a noite na rua, que diante disso aceitou o convite de Beatriz e permaneceu com a mesma durante o resto da noite, deitados na areia do rio Seridó e conseqüentemente fez o convite a Beatriz para terem relações sexuais, o que lhe foi aceito pela mesma sem nenhuma hesitação, que Beatriz disse a ele interrogado que quando chegasse em casa de seu patrão, ia dizer ao mesmo que havia passado a noite em casa de uma tia; que deante da disposição de Beatriz Lopes, ele interrogado nada perguntou sobre sua virgindade e nem ela fez nenhuma declaração, antes, porém pediu a ele interrogado que guardasse conveniência do ocorrido<sup>xxi</sup>.

Todas as testemunhas apresentaram Beatriz Lopes como moça honesta e recatada, por não se ouvir falar que ela tivesse namorado, embora tenham ressaltado que ela costumava sair, sem a vigilância familiar. Segundo as declarações de Vicente, Beatriz somente saía para a pracinha em dias de domingo acompanhada de suas amigas, embora não soubesse se elas eram consideradas “moças honestas” por não conhecê-las, acrescentando ainda que sabia que José Luiz era metido a sedutor, pois ele já havia deflorado uma moça da casa do senhor Brito.

O processo de defloramento contra José Luiz foi instaurado, resultando no casamento com a vítima, anulando-o. Beatriz havia infligido à ordem e ido ao samba desacompanhada da família. Aqui a (pretensa) unidade imposta as mulheres a partir do ideal de feminilidade burguesa (mãe, esposa e dona-de-casa) – o qual imputava a mulher a passividade, a ausência de desejo e prazer, a irracionalidade e emotividade na relação a dois – se via questionada diante das experiências amorosas de Beatriz Lopes e de tantas outras mulheres.

Esse processo-crime de defloramento, assim como os demais analisados, apontam para a desnaturalização da reprodução de valores universais que circudaram o feminino em fins do século XIX e na primeira metade do XX, demonstrando que as vivências amorosas não centralizaram-se apenas na reprodução e repetição dos discursos pré-codificantes, a exemplo do “modelo fidalgo de namoro” e do *amor domesticado* (CHAVES, 2006), mas constituíram-se em experiências (singulares) vivenciadas em intensidades distintas por cada indivíduo social.

Através da análise de vinte e cinco processos-crime de sedução e defloramentos, pode-se afirmar que diversas formas de amar se expressaram *para além* das estruturas arborescentes da Justiça ao perpassarem pela esfera do não-dito<sup>xxii</sup>, somente sendo publicizados à população diante do “corpo marcado”, ou seja, por meio



dos sinais de gravidez, do feto exposto – resultado de práticas abortivas – ou pelas Doenças Sexualmente Transmissíveis. Aliado a esse dado, o alto índice – correspondente a 68% (15) dos casos analisados – de ausência do reconhecimento das testemunhas quanto a existência do compromisso formalizado (“namoro sério”) entre os réus e vítimas, comprovam os encontros não-confessados. Essas vivências amorosas foram, nitidamente, “silenciadas” pelos discursos normativos.

Entretanto, um olhar dispendioso sob os depoimentos das vítimas e réus apontam para contradições que mostram as múltiplas *performances* efetuadas pelas mulheres – em especial – a cada encontro amoroso: escreveram bilhetes marcando encontros; driblaram a vigilância familiar para encontrar-se às escondidas com seus amores; convidaram seus namorados para fugirem e concretizaram a fuga; mantiveram relações sexuais em locais insólitos como nos cercados, moitas, estradas, encostada na parede ou no chão, em margens de açudes e rios etc.

Eram esses gestos e *atos performativos*<sup>xviii</sup>, pensando a partir de Butler (2003) que acabavam por desestabilizar as (pretensas) universalidades e homogeneidades das representações que circundavam o feminino. Como bem coloca essa autora, os atos, gestos e desejos são *performativos* na medida que provocam distinções e dissociações entre o sexo anatômico e as identidades de gênero, justamente por a *performance* consistir em um ato de criação e invenção que desestabiliza as categorias e representações de gênero, as quais imputavam a mulher a passividade e irracionalidade na relação amorosa, possibilitando deslocamentos como a (re)significação e reconstrução da subjetividade em um processo sempre aberto e contínuo (GUATTARI; ROLNIK, 2005).

Através desses *atos performativos*, as mulheres teciam *linhas de fuga* (DELEUZE; GUATTARI; 1996, 1997) que experimentadas em intensidades distintas (medo, desejo, ansiedade), não consistiam na negação do relacionamento “sério”, do casamento ou da maternidade, como assim defendiam os discursos jurídicos, por exemplo, justamente por não se virem enquanto mulheres desonestas ou desonradas, nem reconhecerem subjetivamente e socialmente seus atos amorosos como *imorais*, resultando na formação de novas subjetividades, sempre singulares. Para que um momento de tensão como um encontro à escondida fosse vivenciado por um casal, era

necessário alcançar uma *desterritorialização* e criar, inventar outras subjetividades, relações e representações de corpo.

Foram nos encontros amorosos às escondidas que as mulheres constituíram diversas *linhas de fuga e rizomas*, pelas quais elas passaram a vivenciar fluxos cada vez mais intensos de desejos desvinculados de valorações externas como a reprodução, em que a experimentação, intensidades, vibrações e os segredos eram molecularizados, tornando-se imperceptíveis ao constituírem relações cada vez menos localizáveis e comedidas: estabeleceram relações pré-maritais, seduziram, brigaram, chantagearam, amaram, desejaram, gozaram, agenciaram *afectações* capazes de provocar rupturas nas estruturas sociais e de constituir outras subjetividades.

O que Deleuze e Guattari (1995, 1996) propõe através das metáforas do *rizoma* e das *linhas de fuga* é a emergência das multiplicidades, ou seja, a constituição de territórios a-centrados e a-significantes em que não ocorram as reproduções e hierarquias da ordem capitalística, possibilitando a emergência do que Guattari e Rolnik (2005, p. 42, grifo do autor) elegeram de *processo de singularização*, o qual é da ordem da invenção, da ruptura e resistência, da criação de novas sensibilidades, percepções e formas de ser e se coloca em oposição à subjetividade modelizada pelos discursos normativos.

Assim, embora se reconheça através de Velho (1986), Guattari e Rolnik (2005) que a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no convívio social, afirma-se que o indivíduo não é um receptor estático e passivo dos discursos “dominantes”, expressos, por exemplo, pelas várias formas de resistências e atividades femininas (cartas, recados, gestos, fugas, encontros, *performances*) nas relações amorosas, que transcenderam ao controle institucional pela via da constituição de outros territórios de desejo, adentrando pelo campo da economia subjetiva. Ora, reconhecendo-se que a internalização e incorporação constituem-se em apenas “uma” das vias possíveis da produção de subjetividades, se pode afirmar que as diversas experimentações e práticas femininas emergentes nas relações estabelecidas cotidianamente no convívio social, por exemplo, influenciam na (re)construção contínua do subjetivo/interno.

Esses namoros às escondidas, entrelaçados em espaços de sociabilidades como os bailes e os sambas, demonstram a flexibilidade das relações amorosas

entrelaçadas por mulheres e homens de camadas mais populares da sociedade caicoense, transcendendo o “amor domesticado”. É nessa medida que se afirma que cada relação amorosa é experimentada particularmente e em intensidades distintas, pois para que um momento de tensão como a prática sexual fosse vivenciado era necessário se alcançar uma *desterritorialização* e se criar outras subjetividades e relações com o corpo, desestabilizando-se categorias de gênero e representações culturais de feminilidade/masculinidade. Cada experiência amorosa, a exemplo das analisadas nesse artigo, apontavam para a multiplicidade, ou seja, para a constituição de “n” cartografias e territórios de desejos...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó**: uma cidade entre a recusa e sedução. Dissertação (Mestrado em História). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, 2007.

BESSA, Karla. O crime de sedução e as relações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 2, p. 175-196, 1994. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad02/pagu02.06.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). São Paulo: Editora Unicamp, 2000.

CAVALCANTI, Silêde. **Mulheres Modernas, Mulheres Tuteladas**: o discurso jurídico e a moralização dos costumes – Campina Grande (1930/1950). Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da *belle époque*. **Análise Social**, Lisboa, v. 41, n. 180, p. 827-846, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n180/n180a06.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2009.

CIRNE, Moacy. **A Invenção de Caicó**. Natal: Sebo vermelho, 2004.

COUCEIRO, Sylvia Costa. A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – SNH. 24., 2007, São Leopoldo/RS. **Anais eletrônicos História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos**. São Leopoldo/RS: Associação Nacional da História – ANPUH, 2007. Disponível em: <[snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Sylvia%20Costa%20Couceiro.pdf](http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Sylvia%20Costa%20Couceiro.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2009.

CUNHA, Fabiana Lopes da. Negócio ou Ócio? O samba, a malandragem e a política trabalhista de Vargas. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO – IASPM, 4., 2002, México. **Actas Del IV Congreso Latino Americano**. México: Asociación Internacional para el Estudio de la Musica Popular Rama Latinoamericana, 2002. Disponível em: <[www.hist.puc.cl/iaspm/mexico/articulos/Lopes.pdf](http://www.hist.puc.cl/iaspm/mexico/articulos/Lopes.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2009.

DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da cidade**: revisitando Caicó. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, 1996.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.  
\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.  
\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro as Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.  
\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Tradução de Rachel Ramallete. 26. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GUATTARRI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Corpos seduzidos, corpos deflorados: a honra e os seus significados nos processos-crime do espaço Seridó (Caicó, 1900-1930)**. **MNEME**:

Revista de Humanidades, Caicó, v. 7, n. 17, p. 214-229, ago./set. 2005. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed17/169.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2007.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2008.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15. 1989. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2008.

ROGERS, Paulo. **Os afectos mal-ditos**: o indizível das sexualidades camponesas. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Brasília: Universidade de Brasília/UNB, 2006.

SALEM, Tânia. “Homem... já viu, né?”: representações sobre a sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 15-61.

SOLPESA, Renata. Vários espaços, uma sociabilidade: o primeiro centro de tradições gaúchas do Paraná. **Revista de História Regional**, São Paulo, v. 8, n. 1. p. 139-161. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path%5B%5D=213&path%5B%5D=163>>. Acesso em: 27 jan. 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo, corpo e sexualidade. In: RIAL, Carmem Silvia Moraes; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Genealogias do Silêncio**: Feminismo e Gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 183-193.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: Uma experiência de geração. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

---

<sup>i</sup> Considera-se enquanto memórias escritas os depoimentos dos réus, vítimas e testemunhas envolvidos no processos-crime analisados, os quais se constituíram em 25 processos criminais de sedução e defloramento e 20 processos de lesões corporais em bailes e sambas.

<sup>ii</sup> Realizou-se entrevistas com oito mulheres e quatro homens caicoenses que moram atualmente no Bairro Paraíba da cidade de Caicó/RN, de uma faixa etária entre oitenta e cento e cinco anos de idade. O critério de seleção dos entrevistados levou em consideração suas histórias de vida e as experiências sociais, culturais e materiais durante a infância e adolescência como: trabalho, moradia, divertimentos e relações sociais bem como, o fato de todos terem morado no município de Caicó entre 1900 a 1945.

<sup>iii</sup> As bodegas eram pequenos estabelecimentos ou armazéns, muito comuns nesse contexto histórico, onde se vendiam secos e molhados.

<sup>iv</sup> O município de Caicó localiza-se na região do Seridó do Rio Grande do Norte (Brasil), o qual abrangia através de sua Comarca Judicial, no recorte temporal de 1900 a 1945, uma vasta extensão territorial

composta pelas vilas de Jucurutú, que se tornou município somente em 1935, desmembrando-se de Caicó; Jardim de Piranhas em 1948; São Fernando em 1958 e Timbaúba dos Batistas em 1962

<sup>v</sup>Vale salientar que mesmo sendo recorrente na oralidade que os sambas eram abertos à população em geral, existiam regras e fronteiras simbólicas que regulavam o trânsito das pessoas por esse divertimento.

<sup>vi</sup>Benedita Augusta em entrevista concedida à autora, em 11 de fevereiro de 2008, na cidade de Caicó/RN.

<sup>vii</sup>Na oralidade, os termos mulher “desonrada” e mulher “falada” aparecem para classificar as mulheres que dotavam de comportamentos considerados moralmente suspeitos e abertos aos chamados *namoricos*, ou seja, as relações esporádicas e escondidas.

<sup>viii</sup>José Paulino em entrevista concedida à autora, em 15 de fevereiro de 2008, na cidade de Caicó/RN.

<sup>ix</sup>Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1924 – jul./dez. Ano 1924; Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1927. Ano 1927; Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1938. Ano 1938; Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1945. Ano 1945.

<sup>x</sup>Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1914. Ano 1914.

<sup>xi</sup>Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1919. Ano 1919; Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1927. Ano 1927.

<sup>xii</sup>Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942.

<sup>xiii</sup>Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1943 – jan./mar. Ano 1943.

<sup>xiv</sup>Ver: Processo-crime de Sedução – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942 e Processo-crime de Lesões Corporais – S/N. Caixa FCC/1938. Ano 1938.

<sup>xv</sup>Termo recorrente nos discursos orais e jurídicos para se referirem aos encontros e conversas entrelaçados entre jovens.

<sup>xvi</sup>Termo recorrente nos discursos orais e jurídicos para se referirem aos namoros entre jovens que não eram reconhecidos enquanto relações formalizadas diante da família, ou seja, relacionamentos sem compromisso de noivado ou que se passavam às escondidas.

<sup>xvii</sup>Benedita Augusta em entrevista concedida à autora, em 11 de fevereiro de 2008, na cidade de Caicó/RN.

<sup>xviii</sup>Maria das Neves em entrevista concedida à autora, em 19 de fevereiro de 2008, na cidade de Caicó/RN.

<sup>xix</sup>Aqui se está pensando a partir do conceito de polícia discursiva de Foucault (2002).

<sup>xx</sup>Processo-crime de Sedução – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942, f. 5. (Grafia das palavras conforme o original).

<sup>xxi</sup>Processo-crime de Sedução – S/N. Caixa FCC/1942 – ago./dez. Ano 1942, f. 11. (Grafia das palavras conforme o original).

<sup>xxii</sup>Ao se referir aos *afetos não-ditos*, esse artigo está refletindo a partir das dimensões discursivas e desejantes apresentadas por Rogers (2006), nas quais esses afetos não-confessos corresponderiam às sexualidades que fugiam a “normalidade” e “naturalidade” do imaginário e das referências instituídas, não tendo como objetivo a reprodução da espécie, mas intensidades de desejos que colocam o corpo em ação e movimento; assim como às sexualidades que vivenciadas em segredo acabavam por tornarem-se indizíveis, intencionalmente a jamais serem publicizadas.

<sup>xxiii</sup>Os atos *performativos* femininos também podem ser visualizados através das estratégias adotadas para evitar a publicização da “gravidez”: de acordo com os processos-crime de infanticídio e os depoimentos orais coletados, as mulheres grávidas usavam espartilhos e pratos apertados contra a barriga; usavam roupas largas; alegavam estarem doentes para não saírem de casa; jogavam os “produtos” de seus corpos em locais insólitos (mocambos, enterrados dentro da própria casa ou próxima a elas, cachoeiras, ou nas margens e cacimbas de rios etc); faziam uso de *beberagens* e *preparados* para provocar vômitos e diarreias; pegavam em peso excessivo; pulavam de variadas alturas; reificaram as justificativas acerca dos abortos, diante da Justiça, enquanto resultados de desejos insaciados de comer bolos, chouriços e mangas e/ou de sustos e frios sofridos dias antes do parto, mas aos olhos da Justiça, jamais tenham sido induzidos pela ingestão das *beberagens* ou *preparados*, por as julgarem a partir de valores que irracionalizavam e infantilizavam os atos femininos.